

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 144 NOVEMBRO DE 2023 CANDIDO.BPP.PR.GOV.BR



POETAS DO RIO DA PRATA

A Geração de 45 no Uruguai criou uma consciência crítica que reverbera até hoje na cena literária da América Latina

Índice

- 3** ESPECIAL
A transgressora Geração de 45 uruguaia
Marianna Camargo
- 11** ESPECIAL
Prateleira
- 16** TRADUÇÃO
Uma mulher e outros poemas
Ida Vitale
Tradução de Ana Carolina Freitag
- 16** ENTREVISTA
Na borda da língua
Salgado Maranhão
por Luiz Felipe Cunha
- 27** ESPECIAL NICOLAU
O Beijo de Edvard Munch
Fernando Bini
- 33** CRÔNICA
Reperto
Daísa Rossetto
- 38** MINIENTREVISTA
5 x 5
Cinco perguntas para cinco autores (as)
- 57** FOTOGRAFIA
Rescaldo
Maringas Maciel



A transgressora Geração de 45 uruguaia

Marianna Camargo



➤ **Ida Vitale**

Poetas da Geração de 45 no Uruguai são referência crucial na literatura latino-americana, apesar de pouco conhecidos no Brasil

"Como sempre acreditei que são os poetas os verdadeiros avançados da cultura, aqueles que definem melhor os campos do sentir e do pensar, é neles onde encontro apresentada inicialmente a ruptura."

É assim que Ángel Rama (1926-1983) se refere à poesia uruguaia, em seu artigo *La conciencia crítica*, publicado na revista *Enciclopedia Uruguaya* (1969, p.104, tradução Ana Carolina Freitag). Além dele, a Geração de 45 no Uruguai concentrou uma safra importante de poetas, como: Alfredo Gravina, Amanda Berenguer, Carlos Brandy, Carlos Maggi, Humberto Magget, Ida Vitale, Ideia Vilariño, Gladys Castelvecchi, Juan Carlos Onetti, Juan José Morosoli, Líber Falco, Mario Benedetti, Sarandy Cabrera, entre outros (as). Além de poetas, o movimento era composto por músicos, pintores, artistas e filósofos (as).

Foi Emir Rodrigues, considerado um dos maiores críticos da literatura hispano-americana, quem nomeou esse grupo de intelectuais de *Geração de 45*, ano que marca o final da Segunda Guerra Mundial e o começo da era atômica. Além disso, este ano é importante para a cultura uruguaia porque começa a ser preparada a criação da *Facultad de Humanidades y Ciencias, y de la Comedia Nacional*.

Essa combustão de linguagens resultou em uma frente vanguardista que tinha como premissa delinear uma identidade cultural do país, alinhando a arte com a questão histórica e política. Para Ángel Rama, o descontentamento com as normas artísticas preestabelecidas com os padrões sociais e culturais do Uruguai, criou em um grupo de pessoas uma nova consciência que, para ele, é crítica, e, justamente por esse motivo, Rama prefere chamar a *Geração de 45* de *Geração Crítica*.

De acordo com Ana Carolina Freitag, tradutora, professora e pesquisadora em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR, os integrantes da *Geração de 45* influenciaram a identidade intelectual uruguaia contemporânea. “Esse movimento formou pensadores importantes para a cultura uruguaia, como políticos, sociólogos, diretores de teatro, economistas e artistas”, comenta.

Freitag explica que o ano de 1939 foi importante para o início desse movimento literário por dois acontecimentos. “O primeiro foi a criação do jornal *Marcha*, por Carlos Quijano. Esse semanário foi um importante meio de divulgação para os artistas daquela geração. E o segundo, o lançamento do *El pozo*, de Juan Carlos Onetti”, aponta.

A partir de 1947, segundo ela, acontece a primeira eclosão de revistas como *Clinamen*, *Escritura*, *Asir*, *Marginalia* e *Número*. Inclusive, Ida Vitale publica seus primeiros sonetos em *Clinamen* (1947) e participa da fundação da *Número*. “A revista *Asir* representou a tentativa de criar uma arte exclusivamente nacional, publicando frequentemente textos sobre a temática da vida cotidiana e do catolicismo dominante. Isso acentuou um nacionalismo tradicional e fez com que o grupo não obtivesse sucesso”, analisa Ana Carolina. E completa: “Também existiam outras revistas literárias. Raima argumenta que nelas os artistas tinham liberdade para trabalhar novas técnicas, pois os gêneros publicados nesses periódicos eram curtos. Isso demonstra como esses jornais foram importantes para a divulgação e acesso da população aos textos produzidos por esses escritores”.

Segundo o poeta uruguaio Rafael Courtoisie, “os artistas começaram a enxergar a América Latina — julgada como um território pouco atrativo e desconhecido depois da revolução cubana e das mudanças que estavam ocorrendo no continente”. É nesse contexto que apareceram novas revistas, a partir de 1954, como *Nuestro Tiempo*, *Nexo*, *Tribuna Universitaria* e *Estudios*.

No artigo *O Uruguaio e sua Literatura: Mario Benedetti*, a professora Rosemary Conceição dos Santos escreve: “O uruguaio configura-se como um ressignificador da história da América Latina, resistindo às

interpretações prontas dos fatos históricos, de sua arte e de sua cultura”.

Identidade artística

Ana Carolina considera que uma das características desse movimento era a busca por uma identidade nacional para a literatura, a formação da literatura da juventude, o caráter intimista e a retomada de valores antigos como o parnaso.

De acordo com Rama, foi a busca por uma identidade artística nacional que fez com que esses intelectuais rompessem com o internacional — mesmo influenciados pelas vanguardas europeias — e se aproximassem do nacional e da América Latina.

A instituição uruguaia *Plano Ceibal*, focada em projetos socioeducativos do país, cita como características desse movimento: “O reconhecimento de uma narrativa complexa e de uma prosa cuidadosa; a inovação em técnicas narrativas que visavam a subjetividade, como o fluxo de consciência e o monólogo interno.”

O “golpe imediato” das poetas

Resídua

*Curta a vida ou longa, tudo
o que vivemos se reduz
a um gris resíduo na memória.*

*Das antigas viagens restam
as enigmáticas moedas
que pretendem valores falsos.*

*Da memória apenas sobe
um vago pó e um perfume.
Acaso será a poesia?*

(Poema de Ida Vitale - Tradução de Heloisa Jahn, do livro *Não Sonhar Flores*, editora Roça Nova, publicado em 2020).



▶ Idea Vilarinho

Ida Vitale (1923) simboliza com maestria o que significou a *Geração de 45* uruguaia. Única representante viva desse movimento, a poeta, ensaísta, crítica literária e tradutora completou 100 anos em novembro deste ano e é considerada uma das maiores poetisas da América Latina, tendo recebido os prêmios literários mais importantes da língua espanhola — Prêmio Internacional Octavio Paz de Poesia e Ensaio, Prêmio Internacional Alfonso Reyes, Prêmio Reina Sofia de Poesia Ibero-americana, Prêmio Internacional de Poesia Federico Garcia Lorca, Prêmio Cervantes, entre outros.

Apesar do reconhecimento, a poesia de Ida Vitale só foi publicada no Brasil em 2020, quando a editora brasileira Roça Nova lançou a primeira antologia da poeta no país: *Não Sonhar Flores*, que reúne seis livros da escritora, um recorte de sua obra poética ao longo de seis décadas, com tradução de Heloisa Jahn.

Laura Di Pietro, editora da Roça Nova, diz que houve um contato direto com a autora para a realização da publicação, a quem agradece por acompanhar “com

seu ouvido agudo, seu olhar afiado e sua energia inesgotável os passos dessa edição brasileira". Ela relembra uma frase do poeta colombiano Álvaro Mutis, que disse que inveja o leitor que se inicia na obra de Ida Vitale, pois "um prazer insuspeito o aguarda".

Priscilla Campos, editora, crítica literária, poeta e pesquisadora em Letras Modernas — Espanhol pela Universidade de São Paulo (USP), afirma a importância das poetisas dessa geração: "Destaco a produção de Amanda Berenguer (1921–2010), Idea Vilariño (1920–2009) e Armonía Somers (1914–1994). As duas primeiras trataram, principalmente, de um espaço ligado à natureza, como o mar e os rios; a terceira, uma contista e pedagoga para qual os espaços de fantasmagoria eram uma constante de investigação".

Ela diz que a partir das leituras dessas mulheres, a cartografia da *Geração de 45* expande-se, "fazendo com que os leitores conheçam alguns espaços oníricos e aterrorizantes que também fazem parte do contexto urbano e das nuances das cidades, sempre tão governadas e detalhadas pelos homens", pontua.

Idea Vilariño é aclamada também pelo poeta chileno Raúl Zurita, que escreve na *Revista da Biblioteca Nacional* do Uruguai que sua poesia é como um "golpe imediato", e continua: "Nada do corpo amado permanece unido".

Brasil e Uruguai, reescritura de espaço

O ano era 1956, quando a poeta brasileira Cecília Meireles realizou uma conferência chamada Expressão Feminina da Poesia na América, na Sala do Conselho da Universidade do Brasil. Neste dia, a poeta enumerou cerca de 30 autoras de países como Cuba, Bolívia, Argentina, Colômbia, Peru, México e Chile, além de dez escritoras uruguayas, entre elas, Ida Vitale.

Passados quase 70 anos, tanto Ida Vitale, como as outras poetisas que Cecília Meireles citou continuam pouco conhecidas, apesar das conexões literárias e a proximidade geográfica entre ambos os países. Ida é admiradora da poesia brasileira, escreveu ensaios sobre Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Carlos Drum-



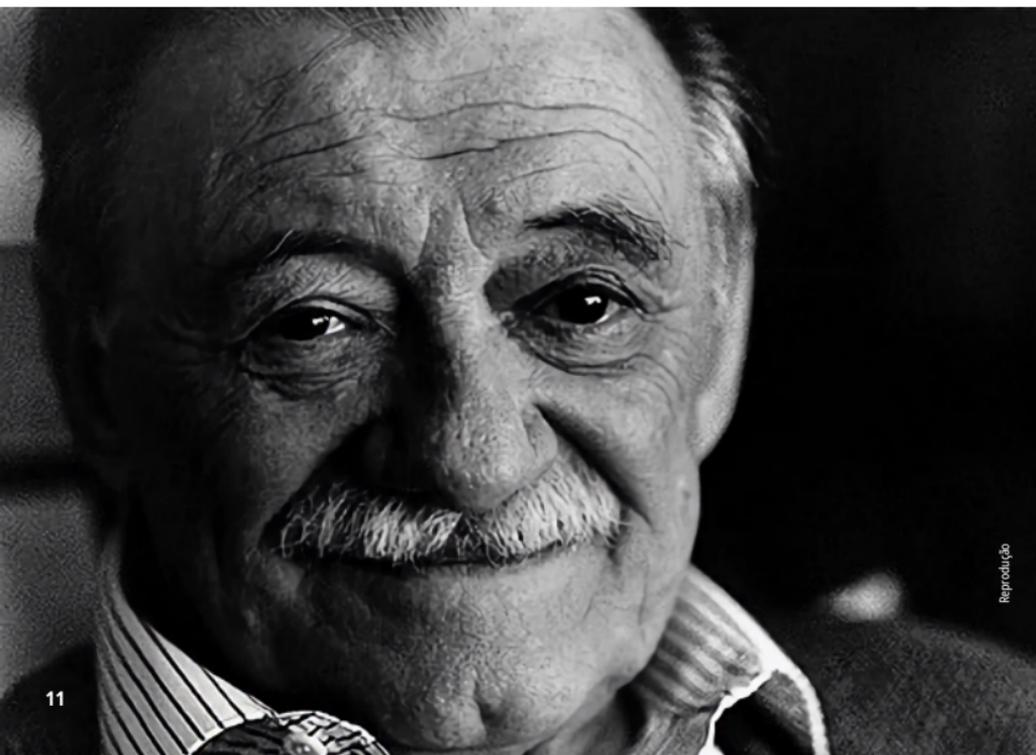
Reprodução / Correio da Manhã

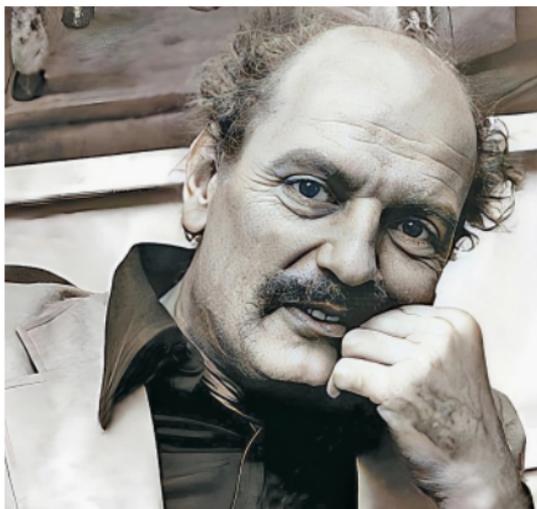
➤ Cecília Meireles

mond de Andrade, assim como outros (as) importantes escritores (as) brasileiros (as) admiravam a literatura uruguaia.

Priscilla ressalta que a centralidade e importância desse movimento passa por uma reafirmação e reorganização de território, estabelecendo paralelos com o Brasil. “De certa maneira, a importância da *Geração de 45* uruguaia está em, ao mesmo tempo, reafirmar e reorganizar um território. Nesse sentido, a produção de autores como Juan Carlos Onetti, Amanda Berenguer e Idea Vilariño, acompanha as produções modernistas em outros países latino-americanos, como no Brasil. Podemos pensar em um tipo de paralelo possível entre os dois países, por exemplo, em termos de reescrita de espaço: a cidade e seus elementos tornaram-se passíveis de palavra e contorno e, com isso, quando falamos da *Geração de 45*, falamos de uma cartografia que se atualiza em formas de narrar esse imaginário.”

► **Mario Benedetti**





▶ Ángel Rama

Ángel Rama tornou-se um dos mais profundos conhecedores das literaturas latino-americanas, inclusive a brasileira. Para o sociólogo, crítico literário e professor Antonio Candido (1918-2017), que o convidou a dar cursos no Brasil, "são valiosas as ideias de Rama sobre o problema das literaturas nacionais do subcontinente".

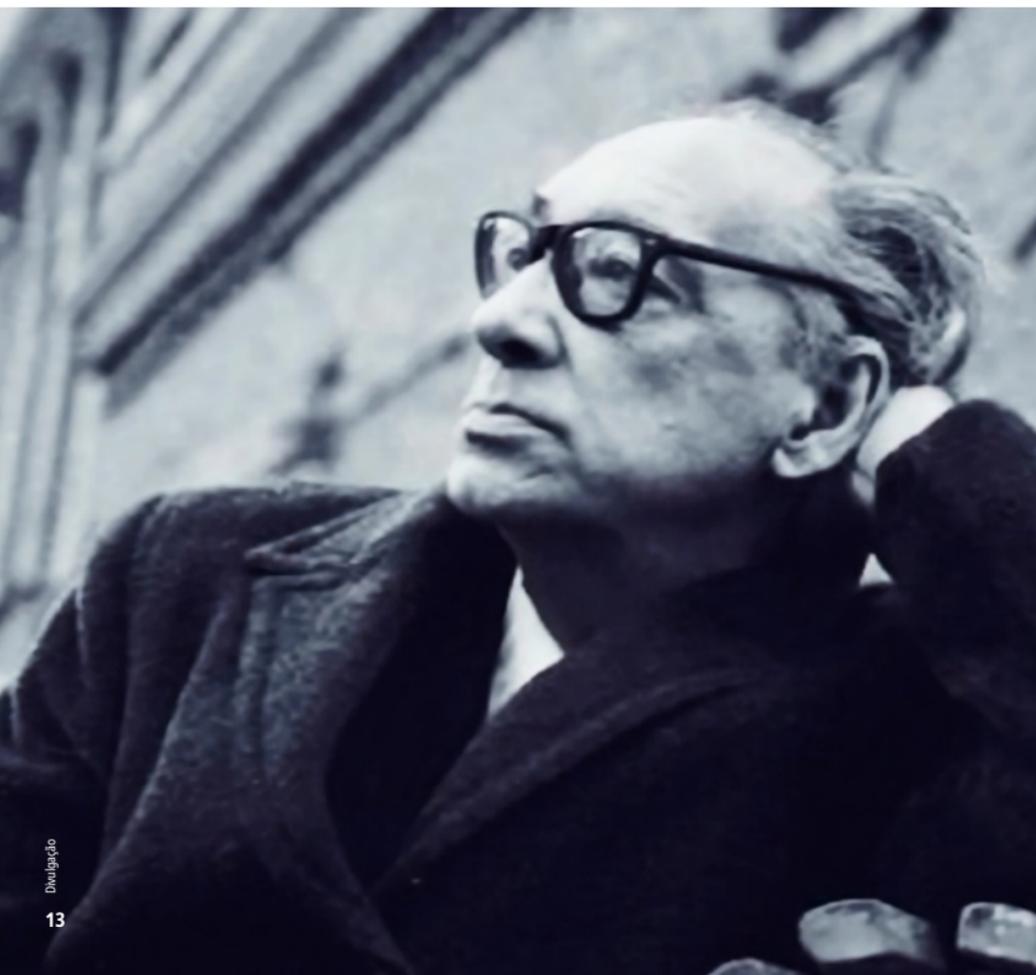
A professora licenciada em Letras, Daniela Diana, discorre sobre este tema: "A *Geração de 45* representou um grupo de literatos brasileiros da terceira geração modernista. Ela surgiu com a *Revista Orfeu* (1947) e teve representantes tanto na prosa quanto na poesia. Entre os (as) principais autores do período estão: João Cabral de Melo Neto, com obras como *Morte e Vida Severina*, Clarice Lispector, com *A Hora da Estrela*, João Guimarães Rosa, com *Grande Sertão: Veredas*, além de outros autores como Ariano Suassuna, Lygia Fagundes Telles e Mário Quintana", cita a professora.

Campos enfatiza a questão do espaço: "Quando menciono o espaço, é menos como uma descrição das cidades, da paisagem natural e da sua função temática — que sempre esteve presente na história da literatura —, e mais como um espaço motor de organização de vida, de sentido e de liberdade; um espaço que se per-

mite capturar e oferece um constante movimento de outras construções possíveis tanto para as temáticas dos textos quanto para a estrutura das narrativas e dos poemas. A *Geração de 45*, portanto, tornou-se uma possibilidade de espaço de transgressão e montagem, um conjunto político-cultural que remontou, na época, a uma nova ordem de leitura do país”, afirma.

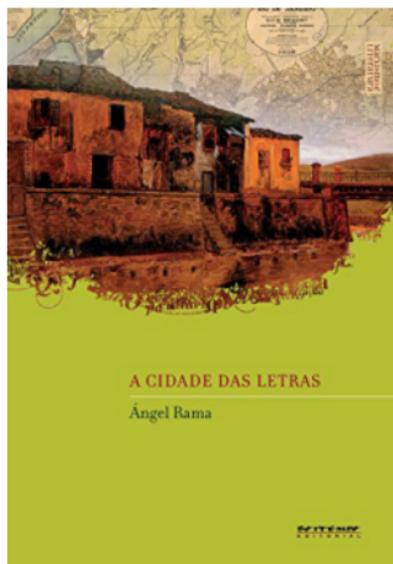
Quando o sol se põe no Rio da Prata, em Montevideo, é possível imaginar a poesia em estado bruto. É possível percebê-la como ato, como palavra transformada em arte. Transgressão e linguagem. E mirá-la. Atravessá-la. Assim aconteceu a chamada *Geração de 45* uruguaia.

➤ Juan Carlos Onetti



Prateleira

O *Jornal Cândido* traz uma seleção de livros de poetas uruguaios (as) da *Geração de 45* publicados no Brasil



***A Cidade das Letras* (Boitempo, 2015), de Ángel Rama**

A Cidade das Letras é considerada uma obra de referência para a teoria literária. Neste livro, Rama (1926-1983) analisa o sistema cultural latino-americano entre os séculos 19 e 20, em especial o período de 1870-1900.

Tradução: Emir Sader

***Não Sonhar Flores* (Roça Nova, 2020), de Ida Vitale**

Esta antologia, a primeira publicação da poeta Ida Vitale (1923) no Brasil, busca reparar essa ausência, apresentando ao leitor brasileiro um recorte da obra poética de Ida ao longo de seis décadas, em seis momentos diferentes.

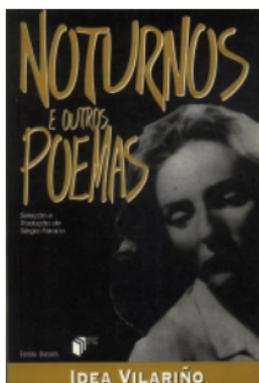
Tradução: Heloisa Jahn



***Noturnos e Outros Poemas* (UNISINOS, 1996), de Idea Vilariño**

“A poesia de Vilariño (1920-2009) organiza, sobretudo, um tratado do tempo: nascimento, vida, corpo, amor e morte são as temáticas que a confrontam, em versos que produzem, no instante do poema, espaços de silêncio e hesitação”, diz Priscilla Campos, editora, poeta e crítica literária que traduziu alguns de seus poemas.

Seleção e tradução: Sergio Faraco





O Poço / Para uma Tumba Sem Nome **(Planeta, 2009), de Juan Carlos Onetti**

Esta edição traz dois textos breves do uruguaio Juan Carlos Onetti (1909-1994). Publicado em 1939, *O Poço*, livro de estreia do autor, narra a história de um homem de quarenta anos que, agonizando em um pequeno quarto, decide contar a sua vida. Já *Para Uma Tumba Sem Nome*, de 1959, narra o enterro e a vida de uma mulher anônima. São duas histórias que mostram dois momentos tão complementares quanto estranhos um ao outro.

Tradução: Luis Reyes Gil

Montevideanos (Mundaréu, 2001), **de Mario Benedetti**

Nestes 19 contos sobre Montevidéu, Benedetti (1920-2009) aponta a lupa para os uruguaios em sua vida ordinária. *Montevideanos* é uma obra que perpassa esses recortes tão cotidianos da vida da classe média uruguaia de meados do século 20.

Tradução: Ercílio Tranjan e Nilce Tranjan <



Uma mulher e outros poemas

Ida Vitale

Tradução de Ana Carolina Freitag

Una Mujer

*Duró largas horas convulsas
el trabajo de parto,
entre inútiles gestos ajenos
y gemidos y ruegos.
Una niña, la primera, nació.*

*Bordó, bordó, bordó la tela blanca,
con diminutos puntos de colores,
llenos de la alegría que ella sólo imagina.
La dolorida espalda se deforma,
los ojos ya no ven el horizonte,
sólo el obsesivo dibujo.
Al fin, concluye el quechquemtitil.*

*Planta y arranca y desgrana, muele,
pica y revuelve,
se le arrebata el rostro,
cubren las manos cicatrices claras.
Su pelo se entresija, ya sin color
ni brillo, y sus carnes se vencen.
A veces sueña (¿qué?)
a veces piensa (¿acaso?),
casi nunca recuerda.
Es una región pronta
para acoger la muerta,
el día exacto,
como a oveja que se perdió en la noche.*

Reducción del infinito, 2002

Uma Mulher

Durou várias horas convulsas
o trabalho de parto,
entre inúteis gestos alheios
e gemidos e preces.
Uma menina, a primeira, nasceu.

Bordou, bordou, bordou o tecido branco,
com diminutos pontos coloridos,
cheios da alegria que ela apenas imaginava.
As costas doloridas se deformam,
os olhos já não veem o horizonte,
apenas o desenho obsessivo.
Finalmente, conclui o quechquemartil.

Planta e arranca e debulha, mói,
pica e mexe,
arranca-lhe o rosto,
cobrem-lhe as mãos cicatrizes claras.
Seu cabelo se enfraquece, já sem cor
nem brilho, e suas carnes são vencidas
Às vezes sonha (o quê?)
Às vezes pensa (acaso?)
quase nunca recorda.
É uma região pronta
para acolher a morta,
o dia exato,
como a ovelha que se perdeu na noite.

Armas:

para Joyce,

*las permitidas eran
silencio, exilio, astucia.
Asumir lo negado
tejer con hilos residuales,
la doblez, silenciarla:
puentes sobre la zanja
de la triste cautela.
Siempre apartarse,
cavar callada madriguera,
aunque algún pie, al tropezar en ella,
deshaga las defensas.
Magia sobre las ruinas
como anillo secreto.
El silencio, el exilio:
astucias negativas.
Pero que el silencio
sólo se adscriba a la palabra.
¿Cómo pensar su filo
aplicado a la música?*

Mella y Criba, 2010

Armas:

para Joyce,

Eram permitidos
silêncio, exílio, astúcia.
Assumir o negado
tecer com fios residuais,
a duplicidade, silenciá-la:
sobre o córrego pontes
da triste cautela.
Se afastar sempre,
Cavar calada sepultura
mesmo que algum pé, ao tropeçar nela,
desfaça as defesas.
Magia sobre as ruínas
como anel secreto.
O silêncio, o exílio:
astúcias negativas.
Mas que o silêncio
apenas se atribua à palavra.
Como pensar no corte
aplicado à música?

Amar A Un Conejo

*Te dieron un conejo.
Te dejaron amarlo
sin haberte explicado
que es inútil amar
lo que te ignora*

Mella y Criba, 2010

Amar Um Coelho

Te deram um coelho
Te deixaram amá-lo
sem ter te explicado
que é inútil amar
o que te ignora

Cegar La Luz

*Desagradezco días degradados.
Amanecemos mal, el día y yo.
Pueden llover desgracias,
aunque no sepa cuáles.
Con un cierto pavor,
ruego por menos luz,
que sábanas me cubran
y alejen la ciénaga que traga.
La aceptaré otro día
pero no hoy, hoy
no.*

Mínimas de aguanieve, 2015

Cegar a Luz

Desprezo dias degradados.
Despertamos mal, o dia e eu.
Podem chover desgrças,
mesmo que eu não saiba quais.
Com certo temor,
rogo por menos luz,
que lençóis me cubram
e afastem o lodo que devora.
Outro dia o aceitarei
mas não hoje, hoje não.

*En el árbol, el pájaro
canta a solas su miedo
de estar solo.*

Antepenúltimos, 2017

Na árvore, o pássaro
canta sozinho seu medo
de estar só. ◀

Ana Carolina Freitag (1996) é tradutora, professora e pesquisadora em Estudos Literários no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR.

Na borda da língua

Salgado Maranhão

por Luiz Felipe Cunha



O poeta maranhense Salgado Maranhão chega aos 70 anos com lançamento de antologia que reúne os poemas mais marcantes de sua carreira literária

Aos 70 anos, Salgado Maranhão acaba de lançar a antologia *A Voz que Vem dos Poros* (Editora Malê), uma compilação de poemas marcantes dos seus 45 anos de carreira literária. Tido como uma das vozes mais originais da poesia brasileira, a obra de Salgado gravita em um universo poético próprio, onde a língua ganha autonomia e as palavras são estendidas ao máximo para dar conta de um emaranhado de temas, como a natureza, a negritude, o sexo, a história do Brasil, a passagem implacável do tempo, entre outros. Salgado vai no âmago das palavras para criar imagens únicas, envolvidas em ritmo e musicalidade. Tudo isso com uma linguagem singular e pontual. “Minha poética gravita na borda da língua, nesse equilíbrio delicado em que um passo para trás é o lugar comum e um passo para frente é o ininteligível”, disse, certa vez, em entrevista.

Nascido no Quilombo Cana Brava das Moças, município de Caxias, no estado do Maranhão, iniciou sua carreira na década de 1970 com *Ebulição da Escrivatura*, uma antologia de novos poetas que, na época, fazia frente aos 26 poetas elencados por Heloísa Teixeira. Nesse período, conheceu Torquato Neto, mudou-se para o Rio de Janeiro e se envolveu com a literatura marginal da chamada “geração mimeógrafo”, do qual fizeram parte Ana Cristina Cesar, Chacal, Paulo Leminski e o próprio Torquato. Publicou mais de dezesseis obras individuais, das quais se destacam: *Os Punhos da Serpente* (1989), *Palávora* (1985), tido pela crítica especializada como um dos melhores livros do poeta, *Mural de Ventos* (1998), com o qual ganhou o seu primeiro prêmio Jabuti, e *Sol Sanguíneo* (2002), publicado nos Esta-

dos Unidos como *Blood of the Sun*, pela Milkweed Editions; em 2016 ganhou o seu segundo Jabuti pelo seu *Ópera de Nãos*.

Além da consagração enquanto poeta, Salgado tem uma carreira de sucesso como compositor, tendo trabalhado com artistas do jazz e da MPB, como Alcione, Ivan Lins e Paulinho da Viola. Em 2017, a Universidade Federal do Piauí (UFPI) lhe concedeu o título de *Doutor Honoris Causa* pela importância da sua obra para a literatura brasileira e pelos feitos de promoção da boa cultura no estado do Piauí. Em 2020, foi convidado pelo *New York Times* a publicar um poema sobre “como as pessoas da região [da Amazônia] estão vivenciando as versões mais extremas dos problemas do nosso planeta”. Por essas e outras, o nome de Salgado Maranhão tem se tornado cada vez mais cotado para uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Que balanço você faz da sua carreira literária nesses 45 anos de carreira, desde o lançamento de *Ebulição da Escrivatura* (1978) e agora com *A Voz que Vem dos Poros*?

Esses 45 anos de trajetória literária passaram como um relâmpago. Estive o tempo todo ocupado com alguma busca criativa e continuo com a sensação de que há muito por fazer. Mas isso não me angustia, ao contrário, me encoraja a voar onde não for possível caminhar.

Como foi o processo de voltar a esses poemas antigos e organizá-los em uma ordem lógica?

Foi muito interessante rever poemas que eu não lia há muito tempo. Porque ao invés de ficar fuçando o passado, tenho fome de avançar no desconhecido. Porém, me alegrou perceber que o que faço hoje tem conexão com o que eu já fazia no início de minha carreira. Sempre tive uma obstinação pelo rigor formal, sem perder de vista a questão humanística. Essa preocupação com a forma me livrou da instrumentalização da minha poesia para servir a bandeiras ideológicas. Antes de qualquer coisa, eu trato de qualquer drama humano com o

olhar da poesia. É a ética submetida aos rigores da estética.

E como foi o seu começo na poesia? Você se lembra de quando o “bicho” da poesia te mordeu, lembra dos primeiros ímpetos para a poesia?

A poesia sempre esteve presente em minha vida, desde a mais tenra infância. Não a poesia do cânone, mas a poesia popular dos repentistas nordestinos, que tinha enorme qualidade imagética. Não eram apenas rima-dores, havia vasta especulação imaginativa naqueles improvisadores. Mais tarde, quando saí da região rural do Maranhão para morar em Teresina (PI), tive acesso à poesia canônica dos grandes autores clássicos e modernos, e Fernando Pessoa me arrastou para a escrita, de onde jamais me livre.

Além de poeta, você também é um notável compositor, com parcerias musicais com nomes de peso, como Alcione, Paulinho da Viola, entre muitos outros. A música e a poesia vêm do mesmo lugar ou são coisas distintas?

A poesia das canções tem muita semelhança com a do livro, por vezes até se confundem, mas não operam do mesmo modo. Murilo Mendes diz que "*A poesia — como o vento — sopra onde quer*". Porém, a letra de música tem o amparo da melodia para facilitar as coisas. Muitas vezes, um poema frágil funciona muito bem numa canção; o mesmo não ocorre na página em branco, onde o poema está nu com a mão no bolso. Além disso, a música é matemática, e as palavras, não; é o poeta que precisa operar o encaixe para que tudo vire uma dança de sons e sentidos em perfeita sinergia.

Certa vez, em uma entrevista, você afirmou que “Poeta é quem tem no DNA a doença incurável do mistério”. O que quis dizer com isso?

O olhar de alguém que tem o dom da poesia já vem de fábrica, assemelha-se com o olhar do humorista, que percebe detalhes insólitos onde a maioria de nós não vê nada anormal. É um talento específico como, por exemplo, o de um atleta de alta performance. Todos podem praticar a poesia, mas, os *Drummonds* são poucos, os *Fernandos Pessoa*. Todos podem jogar futebol, mas quantos são os *Pelés*? Os *Maradonas*? Não se trata de privilégios, porque há que pagar em duras vivências e dedicação de uma vida inteira para que a obra corresponda ao que está na alma do poeta.

E o senhor já vivenciou ativamente a década de 1970, da poesia marginal, depois as décadas de 1980 e 1990, e as décadas seguintes; viu mudanças no mercado editorial e mudanças significativas da sociedade. Como você observa a cena literária hoje?

Eu atravessei essas últimas quatro décadas inteiramente dedicado à poesia e à convivência com os meus pares. Embora tenha um temperamento combativo em defesa das causas que acho justas, não o faço de modo deselegante, nem ofendendo pessoas. Assim, pude perceber sem parcialidade as mudanças que ocorreram no mundo da poesia, para melhor ou para pior. Para melhor foi a enorme diversidade de talentos que ocorre hoje em dia, propiciado pelo acesso à leitura, principalmente, das autoras e autores negros, que trazem uma nova cor ao caleidoscópio das nossas letras. O lado ruim é confundir queixa pessoal com poesia. Mas o próprio tempo se encarrega de fazer a devida filtagem, separando o ouro do cascalho.

Sobre essa "convivência" com seus pares, fale um pouco sobre as suas amizades no meio literário, você costuma ter trocas com os colegas ou o fazer literário é solitário?



Minha vida de relações com meus pares sempre foi muito cordial — não costumo me envolver em conflitos banais com ninguém. Deste modo, tenho muitas amizades duradouras no meio literário, entre essas, estão as do Leonardo Fróes e Edmilson Almeida Pereira, que considero grandes poetas e pessoas adoráveis. Poderia ainda elencar aqui tantos outros nomes de poetas de várias gerações e lugares, numa lista que não teria mais fim.

Embora esteja completando 70 anos, o senhor continua produzindo literatura. O que está ocupando a sua cabeça no momento em termos de poesia? Que tipo de técnica está te chamando a atenção e para qual caminho acredita que está indo a sua poesia?

Sim, eu, na real, não tenho ideia da minha idade. Tenho praticado as artes marciais chinesas durante muito tempo, e a saúde tem sido generosa com meu corpo. Quanto à questão criativa, até aqui, não sofro qualquer revés; por vezes, sinto-me feito um cavalo feroz querendo estrada. Agora, com esse novo livro super bem produzido pela Editora Malê, tenho todos os

motivos de galopar com as palavras.

Você se considera parte da Geração Marginal?

Sim, me considero, em parte, da Geração Marginal (aliás, um crítico de Brasília me definiu como o filho caçula dessa Geração), porque entrei na vida literária nesse período e também porque interagi com seus principais representantes, como o Cacaso, Chacal, Geraldo Carneiro, Bernardo Vilhena, Nicolas Behr, Ana Cristina César, etc. Porém, do ponto de vista da poética, propriamente dita, já havia em mim os traços de um caminho próprio. De qualquer modo, este movimento teve um papel fundamental em realizar a ponte entre a rigidez formal daquela hora com a liberdade literária dos dias de hoje.

Como conheceu Torquato Neto e como ele incentivou a sua mudança para o Rio de Janeiro? Aliás, considera a sua mudança para o Rio como um momento definidor da sua carreira?

Eu conheci Torquato Neto em Teresina, sua terra natal. Nessa época, eu morava na cidade e ele tinha ido visitar seus pais. Isso foi em junho de 1972. Acompanhei um jornalista amigo que foi fazer uma reportagem para um jornal local e ele nos recebeu com a melhor cortesia. A partir daquele encontro ficamos próximos e ainda o reencontrei umas duas ou três vezes, quando recebi sugestões preciosas que mudaram minhas escolhas literárias e, em geral, nas artes. Nem meu nome escapou da mudança. Ele me influenciou até mesmo na minha vinda para o Rio de Janeiro (eu ia para Brasília), sugerindo que em Brasília não havia nada além de políticos. E assim o fiz e não me arrependi; o Rio de Janeiro representa, na minha história de vida, meus frutos, enquanto o Maranhão e o Piauí, minhas raízes e meu caule, sucessivamente.

**Você ainda é terapeuta de Shiatsu e praticante do Zen?
Aproveito para perguntar se a cultura oriental tem algum
papel na sua poesia?**

Não continuo a praticar, profissionalmente, as terapias orientais. A poesia tomou minha vida por completo. Claro, se algum amigo tem problema, dou uma ajuda. No entanto, não tenho mais tempo para oferecer consultas regulares. Viajo bastante pelo Brasil e exterior, por conta das palestras em torno de minha obra. Quanto às influências das filosofias Zen e Taoista em minha poesia, são flagrantes. Estas formas de ver o mundo e as relações humanas mudaram em mim não só meu comportamento, mas também a percepção estética. Naturalmente, o que escrevo tem alinhamento com muitas fontes, sobretudo, a influência africana e moura, via tradição provençal nordestina. Mas o Oriente me deu a disciplina formal de um samurai.



Reparto

Daísa Rossetto

No poema *A vida na hora*, Wisława Szymborska entrega-se:

“Não sei o papel que desempenho.
Só sei que é meu, impermutável.”

Em meu papel impermutável, guardei aos ecos as rodinhas da mala que giravam corredores quando um súbito sinal palpitava em mim... Não há para onde voltar e não há para onde ir. Foi essa a sensação arrastada, não como as rodas, mas como a imprecisão do vento que me anotou sinônimo da súbita calma. O vento fazendo caminho, e não haver a matéria de um lugar de retorno nem a definição de uma meta mira. Estar sendo basta.

Não sei se o tempo é pouco ou muito, sei que as filigranas do nada, a sutileza súbita de qualquer coisa, cotidiana ou banal, às vezes, é o que arrasta o mundo, arremessa, lança mares de lágrimas ou arquipélagos de gargalhadas.

Não tenho apego ao tempo, nem rastejo os anos, calendários são papéis para dobraduras, lançar aviões entre repousos de nuvens e águas. A concretude que me esquentava não são mais que minhas noites no escuro a ver estrelas no alto do barulho da chuva. Pingo a pele arrepiada. E dos quadros não gosto dos que vejo a técnica, a métrica amarrada, um desenho bonito, vou por aquilo que escapa, o risco, a mistura da tinta, a transparência que incita, cair num certo magnetismo de mistério, de ser sem motivo.

Continuo - talvez ao infinito - entre ruas da primeira vez, riscada no desenho do tempo mágico, o tempo sem nome do riso no descaminho, a borboleta batendo ondas de mares, sentindo o sol avermelhar a cara. E o essencial talvez seja mesmo a rosa, borrada, às vezes, num canto da marca fotográfica ou o que passou antes da abertura à luz, escapando da moldura congelada.

Uma fração segundo é mundo infinito como não serão os anos, os giros do relógio. Giram girassóis,

moinhos, calor em lampiões, giram trechos rabiscados no invento de histórias quando as folhas caídas, caindo...

Da vida não sou a matéria deste corpo, nem tempo, nem as coisas. Não acho que a vida seja pouca. Reparto sem concreto nem concretudes. O leve instante penugem nas multiplicações soltas, no ar. Cores e luzes, trechos e impressões, imaginações de um suposto agora... Bato as asas, é uma fração do nada.

Estão girando as dobras de um tempo espaço, corações palpitam, e de mim espero que estejam esquecidos. Falo das coisas que não sei...

Tenho a ânsia voraz da infinitude do nada, um instante quando, batendo as asas, estou me desmanchando. Sei que meu papel de ser assusta, ainda assim é impermutável. O desconhecido... Bato as asas ao infi-



...na única vez, e me desmancho.

Daísa Rossetto é doutoranda em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra. É autora de *Quando O Vento Sopra Em Israel* (Editora Mikelis, 2017), participou da coletânea *Outono Literário: Mulherio em Prosa e Verso* (2018), do Mulherio das Letras Europa, e participou da coletânea *As Coisas que As Mulheres Escrevem* (Editora Desdêmona, 2019). Também fotografa e pinta. Parte do seu trabalho está disponível em daisarossetto.com.br

O Beijo de Edvard Munch

Fernando Bini



> Edvard Munch

O Beijo Expressionista

por Redação Jornal Cândido

Publicado originalmente na última edição do *Jornal Nicolau*, no ano de 1996, número 60 — *O Beijo de Edvard Munch*, de Fernando Bini, é um estudo sobre as manifestações da paixão, sexualidade e gênero na pintura de Munch. Na época, o texto comemorava os 100 anos do quadro "O Beijo" (1897).

Fernando Bini, pesquisador, crítico de arte e professor universitário, se aventura pelas influências estéticas que fizeram de Edvard Munch “um dos principais antecipadores do Expressionismo”. O pintor nasceu em 12 de dezembro de 1863 no vilarejo de Ådalsbruk, na Noruega. Formou-se pintor na Escola de Artes e Ofícios de Oslo, mas foi em Paris, sob a influência de Van Gogh e Gauguin, que seu traço passa a caminhar em direção às formas expressionistas pelas quais o artista norueguês é hoje reconhecido. Munch passou por frequentes episódios de luto na infância e conviveu com Stéphane Mallarmé, Henrik Johan Ibsen, Édouard Manet, Henri de Toulouse-Lautrec e Pierre Bonnard. Morre em 1944, aos 80 anos, em Oslo, capital da Noruega.

Obs: A versão em litogravura da obra utilizada na matéria original não foi encontrada para ser reutilizada. Por não haver detalhes técnicos que impediariam a publicação da obra original colorida, foi utilizada esta versão para ilustrar a matéria. Ainda podem ser vistos outros estudos do artista da mesma obra ao fim do texto. Para poder conhecer mais da obra do pintor, acesse o site do seu Museu. munchmuseet.no/en/

No final do século XIX ou no início do século XX, a arte universal tinha um encontro marcado com Paris. Não foi diferente para o norueguês Edvard Munch marcado desde sua infância por acontecimentos trágicos na família como a morte de sua mãe e de sua irmã, sendo ele mesmo de saúde muito frágil.

Munch nasceu em 1863 e, quando resolveu tornar-se pintor com a idade de 17 anos, aquela marca negativa fundamentará a sua concepção de existência e será a razão que o levará a participar do meio artístico e literário e do círculo boêmio de Christiania, grupos esses inspirados, por sua vez, pelo naturalismo francês.

Mas são suas viagens a Paris e Berlim que abrirão seus horizontes e que o levarão a tornar-se o mais dotado dos pintores noruegueses de seu tempo. Entre 1889 e 1892 reside em Paris, num apanamento em Saint Cloud, com uma bolsa de estudos de seu governo, tendo a possibilidade de visitar exposições e retirando dali os exemplos para a sua iniciação no impressionismo; em Saint Cloud, Munch abandona o naturalismo e procura ir até o fundo da experiência impressionista. Em 1892 é convidado para expor na Secessão de Berlim, seus 55 quadros expostos geram tanta polêmica que a exposição é fechada em uma semana. As discussões de Berlim, que giram em torno do direito de Munch de expor suas obras e não no caráter estético das mesmas, o incitam a desenvolver seu próprio estilo. É deste mesmo ano a primeira versão de *O Beijo*.

Em Berlim conhece o dramaturgo e novelista August Strindberg e o poeta polonês Stanislas Przybyszewski que faziam parte de outro círculo boêmio, o "Schwarze Ferkel" (o "Porquinho Preto"). Nas sucessivas viagens a Paris, conhece Mallarmé e Ibsen, é influenciado por Manet, Toulouse Lautrec, Bonnard e Vuillard, e também por Caillebote, Seurat e Puvion de

Chavannes. Em 1897 participa pela primeira vez do Salão dos Independentes em Paris.

Sua arte tem múltiplas fontes, mas ele consegue realizar uma síntese absolutamente original de idéias, estilos e técnicas, encaminhando-se para o simbolismo em que sua própria psiquê é o mais forte de seus temas.

Em 1896 Strindberg fala em seus livros de vermes, micróbios, vampiros e mulheres; Przybyszewski, na mesma época, entendia que a sexualidade era a primeira substância da vida e nos seus escritos quase mistificava o satanismo, descrevendo a atração sexual como "um inominável e horrível poder, que lança duas almas, uma contra a outra, buscando uni-las pela angústia e pelo sofrimento"¹.

As catástrofes de Munch estão ligadas à morte da mãe (aos 5 anos), da irmã (aos 13) e à morte de seu pai em 1889, que ele assim descreve no seu diário em Saint Cloud: "(...) *Quando acendi repentinamente o candeeiro, vi minha enorme sombra cobrir a metade da parede chegando até o teto. E no espelho sobre o aquecedor vi minha própria fantasmagórica face. Eu levo minha vida em companhia da morte — minha mãe, minha irmã, meu avô e meu pai — ele acima de todos. Todas as minhas memórias, nos mínimos detalhes, vêm à minha mente (...)*"². Os demais boêmios que freqüentava eram predominantemente machistas, obsessivo-sexuais e muitas vezes misóginos, ligados ao conflito em torno da mulher por volta de 1890; misturem-se a isso algumas frustrações amorosas e chegaremos ao momento em que Munch executava a segunda versão do seu *O Beijo*, em 1897, em óleo sobre tela e que está no Museu Munch de Oslo e antecede o outro, não menos famoso, *O Beijo* (de 1907) de Gustav Klimt.

1 PRSYBYSZEWSKI Stonislas, citado por SCHJELDAHL, Peter, "Munch: The Missing Master", in *Art in America*, may-june 1979. pp.81 - 95.

2 Prefácio à *Edvard Munch Exhibition*, Oslo: Blonquist, 1929.



Em Munch os personagens são espectros que têm medo e assustam, o amor é cheio de tormento e acidez, a mulher provoca o desejo e o ciúme, ela enfeitiça, esgota e "suga o teu íntimo (como disse Baudelaire) e te joga no vazio no qual não resta outra coisa que o lamento e a vaidade das lembranças". No quadro *Vampiro*, de 1893, incluído no *Friso da Vida*³, a mulher é retratada como um vampiro que suga o sangue do companheiro: "a fêmea devora, suga a energia do homem, assume a forma dele, vive no corpo dele e, contudo, em todo tempo, representa o papel de fêmea"⁴, no comentário que Frederick Karl faz da interpretação da mulher na obra de Otto Weininger; mas Strindberg também descreve uma mulher vampírica em Siri von Essen: "Criaturas destruidoras que se alimentam das almas dos homens como as hienas se alimentam da carniça" da mesma forma que o ciúme fora considerado o "verme da maçã" da nova liberdade sexual, a ascensão da "nova mulher" é vista como causa de "degeneração".

Na pintura de Munch, a mulher reflete uma atitude ambivalente, uma mistura de devoção e medo, e ele faz dela, simultaneamente, madona e vampiro.

Przybyszewski assim descreve *O Beijo* de 1897: "*Nós vemos duas figuras humanas, cada uma das duas faces se fundindo na outra. Mas elas não formam uma única figura: tudo o que vemos é o ponto no qual elas se fundem, um ponto que parece uma grande orelha, tornando-a surda pelo extase provocado pelo sangue. Assemelha-se a uma massa de carne moída*".

O quadro pode ser visto como a imitação da postura de uma união sublime, mas o tratamento plástico revela qualquer coisa de doentio, de vago ou vazio, próprio da precariedade do ser e da inquietação metafísica da época, e que sugere "uma agressividade quase canibalesca"⁵, em que o sujeito alienado está sempre aprisionado num universo insuportável, no qual a desorientação é absoluta.

3 O Friso da Vida, ambiciosa série de pinturas que no conjunto, como acrescenta o próprio Munch, apresentam um retrato da vida, o qual ele nunca considerava completo.

4 KARL, Frederick. O moderno e o modernismo - a soberania do artista 1885-1925. Rio de Janeiro: Imago, 1988. p.138.

5 CARDINAL, Roger. O expressionismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 1984. p.38.

Por questões, técnicas, a imagem reproduzida, como ilustração deste texto, é a versão em litogravura de 1894, apesar de existir também no Museu Munch de Oslo uma versão em xilogravura de 1897; a permanência de Munch em Paris entre 1896 e 1898 foi muito importante para sua obra gráfica: além de encomendas de gravuras para ilustrações, ele faz contatos com o impressor Auguste Clot, o mesmo que auxiliou Toulouse-Lautrec e Bonnard, descobrindo assim que a gravura possibilitava uma maior variação para construção de suas séries ou versões. Nelas encontramos os elementos estéticos mais caros a Munch, como a vontade de simplificação e os fortes efeitos de massa e de contrastes.

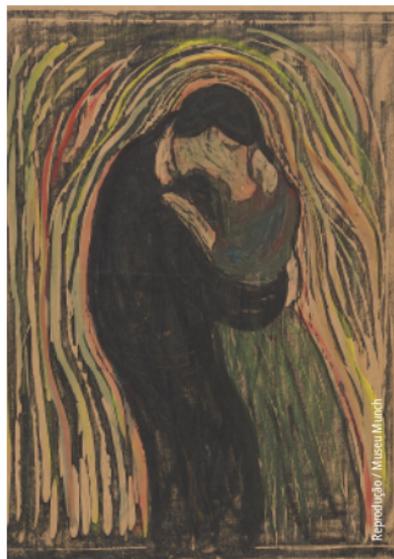
Este primeiro período expressionista de Munch é o que melhor contribuiu para a história da arte; termina em 1908 quando ele foi acometido de uma grave crise nervosa. É o período em que ele concebe as partes que deveriam formar o *Friso da Vida* e onde está inscrita toda a sua visão de mundo, cheio de "imagens-chaves" como o contraste entre inocência, sensualidade angustiada e morte, geralmente encarnadas em figuras de mulheres: *O Vampiro*, *A Morte e a Donzela* e *O Grito* de 1893, *O Ciúme* de 1895 e a *Dança da Vida* de 1899-1900, todos com suas versões em xilogravura ou litogravura, representando o jogo entre o amor e a morte, a paixão e o ciúme, a ansiedade e a solidão, a esperança do amor e a decepção, que são algumas das qualidades que o colocam, junto com Vincent Van Gogh, como um dos principais antecipadores do Expressionismo e talvez, também, da "máquina celibatária" de Marcel Duchamp. <

Fernando Bini • Pós-graduado em Artes Plásticas pela Universidade de Paris. Diretor do Museu da Imagem e do Som. (Ano de 1996)

➤ O Beijo em versão lápis sobre papel



➤ Em calcogravura (Água-forte e ponta seca)



➤ Em xilogravura colorida à mão



➤ Em lápis e pincel

5x5

Clara Peloso

Ítalo Piccini

Jovina Renhga

Rosângela Marquezi

Vitor Paiva

O **Cândido** conversou com escritores (as) da região do Paraná, Santa Catarina e Rio de Janeiro para saber o que leem, ouvem e indicam como leitura. A seção 5x5 traz curiosidades sobre temas que percorrem a literatura.



Anderson Tozato

Clara Peloso, Pato Branco (PR)

Qual seu livro de cabeceira?

Tenho vários livros de cabeceira, desde poesia até livros acadêmicos, mas, durante toda minha vida, o meu livro de cabeceira foi *Pedagogia do Oprimido*, do Paulo Freire. Um outro livro que marca é *Insustentável Leveza do Ser*, do Milan Kundera.

Qual seu filme favorito?

Gosto de *Dirty Dancing* (1987). Eu avisei que eu era ca-fona! (risos).

Qual livro você gostaria de ter escrito?

Acho que eu gostaria de ter escrito o que o Manoel de Barros escreveu. Independente de qual livro. Acho que é a poesia do Manoel de Barros que eu gostaria de ter escrito.

Você indicaria algum escritor ou escritora que te surpreendeu?

O Diário de Francisco Brennand, escrito pelo próprio, foi uma leitura que me surpreendeu. São cinco volumes, 1.960 páginas, e é um livro de literatura. Super indico pra entender um pouco a obra literária e artística do Francisco Brennand, artista pernambucano.

O que é literatura para você?

Para mim é a vida. É um movimento da vida.

Ítalo Puccini, Joinville (SC)



Qual seu livro de cabeceira?

Talvez seja *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do Machado de Assis.

Qual seu filme favorito?

Eu sempre gostei muito dos filmes do Alejandro Iñárritu. Desde aqueles mais antigos, *Babel*, *Amores Brutos*, com o ator Gael Garcia Bernal. Sempre gostei do Iñárritu.

Qual livro você gostaria de ter escrito?

Arriscada essa resposta, hein? Eu vou te responder pensando no que mais me encanta quando eu leio, releio, que é o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. É um negócio que explodiu minha cabeça. É incrível pensar que aquilo foi escrito.

Indique um escritor ou escritora que tenha te surpreendido.

Eu gosto muito do Michel Laub. Contemporâneo, tem uma meia dúzia de livros já publicados. Acho que ele é uma indicação legal. E Gonçalo Tavares, escritor que o Saramago uma vez disse que poderia assumir o seu posto futuramente.

O que é literatura para você?

No momento que eu me encontrei com a literatura na adolescência, ela foi uma salvação.

Ela me salvou de uma condição bastante deslocada na vida. A literatura se tornou uma companhia, um acolhimento, um amparo, desde a minha adolescência.

Jovina Renhga, Terra Indígena Marrecas na região de Turvo (PR)

Qual seu livro de cabeceira?

Meu livro de cabeceira, mesmo, é *Casa de Passagem: Luta das Mulheres Indígenas*, que eu mesma escrevi. É muito importante ler esse livro.

Qual seu filme preferido?

Meu filme preferido é *Terra Vermelha*.

Qual música te define?

Ancestralidade.



Qual livro você gostaria de ter escrito?

Eu gostaria de ter escrito, e ainda vou escrever, *A Floresta*.

Indique um escritor ou escritora que te surpreendeu.

Eliane Potiguara.

O que é literatura para você?

A literatura, pra mim, muda a vida das pessoas. E a literatura indígena, pra mim, é falar sobre a história para que ela não morra.

Rosângela Marquezi, Pato Branco (PR)

Qual seu livro de cabeceira?

Jane Eyre, da Charlotte Brontë. Leio e releio sempre!

Qual seu filme favorito?

E o Vento Levou (1939), de Victor Fleming.

Qual livro você gostaria de ter escrito?

Pensando em poesia, acho que *Bagagem*, da Adélia Prado. Se eu fosse pensar em romance, ou contos, *Sagarana*, de Guimarães Rosa.



Indique algum escritor ou escritora que você tenha lido e te surpreendeu.

A escritora indiano-canadense Rupi Kaur. Tenho gostado muito.

O que é literatura para você?

Literatura, para mim, é, como dizia Antonio Candido, um bem incompressível, ou seja, contribui para a minha sobrevivência física e espiritual. Preciso dela para viver. Ela me ajuda a respirar nos dias densos e a rir nos dias leves.

Vitor Paiva, Rio de Janeiro (RJ)

Qual seu livro de cabeceira?

São muitos, claro, mas agora o que me vem é o *Histórias de Cronópios e de Famas*, de Julio Cortázar.

Qual seu filme favorito?

Essas perguntas são impossíveis, vai ser um sofrimento para responder, mas, há pouco vi muitos filmes de uma mostra do Fellini, então, o que me veio foi o *Amarcord*.

Que música te define?

Música é a coisa que eu mais gosto na vida. Arrisco dizer que é a única coisa que eu realmente gosto. Então, são muitas. Não sei se eu quero que alguma música me defina. Posso dizer músicas que me vem à cabeça como músicas que eu gosto muitíssimo. É... o Ciúme, do Caetano Veloso. Agora ficou péssimo pensar o ciú-



Anderson Tócalo

me como algo que me define, não... Hoje de manhã eu ouvi Trilhos Urbanos, do Caetano também. *A day in the life*, dos Beatles. *Punk! Punk-rock* é uma coisa que eu gostaria de responder. Músicas ligadas ao *punk*.

Qual livro você gostaria de ter escrito?

Todos (risos). Mentira, não todos. Mas a maioria. E ao mesmo tempo nenhum, né? Tem uma coisa muito boa em os livros serem escritos por outra pessoa e você poder ler.

Indique um autor ou autora que te surpreendeu.

Muitos poetas. Bruna Beber, seu último livro. Angélica Freitas, Maria Isabel Iorio. Essa resposta responde duas, autor que me surpreendeu e livro que eu gostaria de ter escrito. Essas poetas todas são autoras que me instigam muito hoje em dia e que eu gosto demais.

O que é literatura para você?

Respirar, eu acho. Tanto no sentido de alívio quanto de continuar vivo. <

ReScaldo

Maringas Maciel

Em dezembro passado, voltando para casa, o fotógrafo Maringas Maciel se deparou com uma guarnição dos Bombeiros que apagava um incêndio em um restaurante. Parou e acompanhou o trabalho de rescaldo. O incêndio havia sido causado por um curto-circuito e as chamas rapidamente tomaram quase todo o imóvel, causando uma grande destruição nas instalações. Prestou solidariedade às proprietárias que acompanhavam o trabalho dos bombeiros da calçada. Na manhã seguinte, voltou até o local e, da esquina, já podia sentir o cheiro forte de queimado. Maciel pediu autorização para entrar e fazer algumas fotos. Deparou-se com uma triste destruição, porém, para o fotógrafo, havia “beleza na tristeza”.

Maringas Maciel nasceu em Curitiba e começou a fotografar em 2009. Lançou livros, participou de exposições (individuais e coletivas) e tem fotos publicadas nas mais diversas mídias no Brasil e no exterior. ◀



















EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação

Luiz Felipe Cunha

Pesquisa

Valéria Bittencourt

Estagiário

Francisco Camolezi

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Junior Milek

Colaboradores desta edição

Ana Carolina Freitag

Daísa Rosseto

Fernando Bini

Maringas Maciel

Ilustração de capa

Jonas Lopes



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ 
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA